

CORREIO DA MANHÃ BAZUCA SIM, ALCA NÃO

José Sarney

p. 4
14 OUT 1997

Há um certo clima de histeria e sensacionalismo no discutir as exigências diplomáticas e de segurança durante a visita de Clinton. Devemos estar preocupados com o essencial e não com o acessório. Meu medo é que se fale muito sobre as armas dos tiras e o relatório de viagem distribuído aos membros da comitiva, em que a visão americana da América Latina fica bem visível, e se esqueça de que uma coisa não podemos ceder: negociar o Mercosul.

Estou meio desconfiado e temeroso porque as declarações do governo brasileiro afinaram. Não são mais aquelas tão firmes que ouvimos em Belo Horizonte, na reunião sobre a Alca. Já estamos falando em começar as negociações em Santiago. Isso é grave. Clinton, com todas as gafes e clima de atritos cerimoniais durante a visita, teria alcançado um grande objetivo se fosse condenado pela falta de habilidade dos organizadores da visita e vitorioso no essencial, obtendo um recuo do Brasil na posição firme de não aceitar a submissão do Mercosul ao projeto da zona de livre comércio do Alasca à Patagônia, plano que vem desde os tempos de George Bush.

Não sou daqueles que estão preocupados

com o número de armas que os guarda-costas devem usar nem sobre os alimentos que chegaram, helicópteros, carros blindados e tudo mais. A reação que tivemos é altamente subdesenvolvida. Afinal, o Clinton é presidente da única, incontrastável e poderosa grande potência que emergiu do fim da Guerra Fria. Mais do que ninguém, tem de tomar as precauções que toma, com as responsabilidades nacionais e mundiais que tem. Em nada essa parafernália atinge a soberania nacional.

O chamado "relatório" que falou da corrupção "endêmica" é um documento típico do Departamento de Estado. Uma fria compilação da imagem que o país projeta no exterior, números extraídos de publicações oficiais e informações que lhe chegam através de vias diplomáticas. O que há de estranho é o vazamento e a inoportunidade desse documento. Afinal, as informações nele contidas não vão aproveitar em nada os visitantes e servem para ferir susceptibilidades dos visitados. Um documento inócuo.

As relações Brasil-Estados Unidos estão em outro patamar. Não existe mais espaço para utilizar o antiamericanismo como arma de política interna. Esse coro a que assis-

timos cheira um pouco aos anos 50 e 60, tempos da CIA.

A coisa relevante nesse aspecto de desentros foi realmente a tentativa de bitolar a visita ao Congresso, com essa história de impedir trânsito de congressistas. Afinal, a grande instituição que os americanos projetaram no mundo é o Congresso, como coração da democracia. E constitui uma ofensa ao Brasil achar que o nosso Parlamento ainda é do tempo de parar para ver o Clinton passar.

Na mesma direção, não vejo as atitudes do governador do Distrito Federal e do presidente do Supremo Tribunal. Nada de arranhão em suas funções trocar cumprimentos com um visitante ilustre. Afinal, não se trata de um ditador nem de presidente de um país sem tradição de liberdade e respeito aos direitos humanos. A força dos Estados Unidos está justamente na apologia e pregação desses ideais.

No frigid dos ovos, que não se faça nuvem de fumaça com esses problemas diplomáticos para ser gentil naquilo que jamais deve ser objeto de gentileza defender os interesses nacionais, hoje, representados pelo Mercosul.

■ José Sarney é senador e ex-presidente do Brasil, de 1985 a 1990